

Desaceleração econômica atinge empregos formais

Como é notório, a desaceleração da economia iniciada em 2014 se agravou em 2015 e preocupa tanto trabalhadores como empregadores. O cenário internacional adverso diminuiu a demanda por produtos agropecuários e a indústria extrativa, importantes nas exportações brasileiras. Os preços dos combustíveis e da energia pressionam a inflação, que em abril chegou a 9,5% no Rio de Janeiro, a maior do país. Para conter a alta da inflação, o governo federal elevou as taxas de juros, que subiram de 7,25% ao ano, no início de 2013, para 13,25% em abril de 2015.

O contexto é agravado pelas investigações de corrupção na Petrobras, que afetaram a indústria do petróleo e de construção civil, motores da economia brasileira e, especialmente, fluminense. De acordo com estimativas da FIRJAN¹, investimentos de quase R\$ 425 bilhões estão ameaçados. O Rio de Janeiro seria o estado mais impactado, com perdas de R\$ 106 bilhões, ou um quarto do total.

Quais os efeitos dessa conjuntura sobre o mercado de trabalho no Rio de Janeiro e sobre os pequenos negócios? O Observatório Sebrae analisou dados do IBGE e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), de 2013 até março de 2015, para avaliar.

DESEMPREGO CRESCENTE, MAS AINDA BAIXO



A taxa de desocupação na Região Metropolitana do Rio (RMRJ), que havia iniciado o ano em 4%, atingiu 4,8% em março. Apesar do crescimento, este não é um percentual alto em termos históricos e nem em comparação com outras metrópoles: das áreas cobertas pela Pesquisa Mensal do Emprego do IBGE, a RMRJ tem a segunda menor taxa de desemprego, superior apenas à de Belo Horizonte, de 4,7%.

Uma das razões para isso é que a taxa de participação – o percentual da população ativa que trabalha ou busca trabalho – caiu no estado. A taxa de participação é tradicionalmente menor no Rio do que a de

CONTINUA

¹ Nota Técnica “Investimentos em infraestrutura e P&G com execução ameaçada no Brasil”, março de 2015.

CONTINUA

outras metrópoles (como São Paulo, onde fica acima dos 57%). Em 2013, o indicador fluminense superava os 55%; em março de 2015, ficou abaixo de 53%, superior apenas à de Recife (50,3%).

O desaquecimento do mercado de trabalho parece estar começando a atingir o emprego formal. Houve redução na porcentagem de empregados com carteira de trabalho assinada ao longo do primeiro trimestre de 2015, que caiu para menos da metade do total de ocupados. Ao mesmo tempo, a proporção de empregados sem carteira de trabalho assinada permaneceu estável em 13,2% nesse período.

EMPREENDEDORES: EFEITO INCERTO



Os efeitos da desaceleração econômica sobre os empreendedores ainda não apareceram claramente. Metade da queda na porcentagem de empregados com carteira de trabalho assinada entre dezembro de 2014 e março de 2015 teve como contrapartida uma elevação na proporção de trabalhadores por conta própria. A participação de empregadores entre os ocupados na RMRJ, tradicionalmente baixa, ficou no patamar dos 4%, baixando apenas 1 ponto percentual, menos do que nas demais regiões metropolitanas.

SALÁRIO REAL EM QUEDA



A Região Metropolitana do Rio de Janeiro tem a maior média salarial entre as metrópoles: R\$ 2.371, superior inclusive à de São Paulo, onde a média é R\$ 2.228.

Mas, com o aumento do desemprego, o salário real começou a cair em todas as regiões metropolitanas, depois de anos de elevação. Desde novembro, o Rio registra uma queda de 6% — inferior, entretanto, à registrada em outras capitais metropolitanas. Se a tendência continuar, deverá levar pessoas hoje fora do mercado de trabalho a procurar emprego, aumentando a taxa de desemprego.

CONSTRUÇÃO CIVIL ENCOLHEU



A queda do emprego formal na Região Metropolitana do Rio de Janeiro é explicada em boa medida pela queda do número de empregados formais na construção civil no primeiro trimestre de 2015 em relação ao mesmo período de 2014. A quantidade de trabalhadores diminuiu 9%; sua participação no total de ocupados, que era de 8% no início de 2013, passou para 7% em março de 2015.

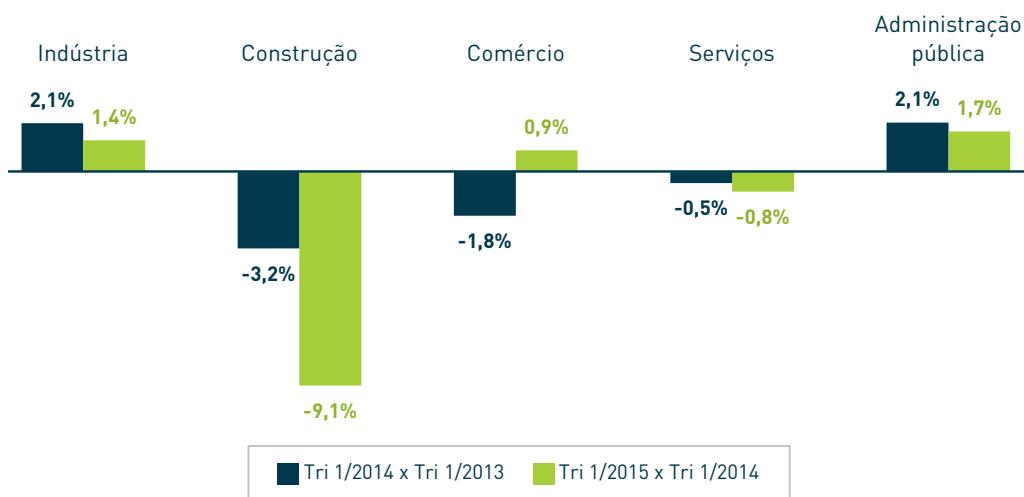
CONTINUA

CONTINUA

O setor de serviços, no qual atuam 55% dos ocupados do Estado, teve redução menor. A indústria, que emprega 12% dos trabalhadores, teve um pequeno crescimento. O comércio e a administração pública, que concentram, respectivamente, 18% e 7% dos ocupados, também tiveram variações positivas.

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE TRABALHADORES POR SETOR DE ATIVIDADE NA RMRJ

Fonte: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.



A DESTRUÇÃO DO EMPREGO FORMAL



O Brasil perdeu 75 mil postos de trabalho formal no primeiro trimestre de 2015. Das vagas extintas, 62%, ou cerca de 50 mil, estavam no Rio de Janeiro. Mesmo levando em conta que demissões são costumeiras nesta época, depois do período aquecido do fim do ano, é o pior saldo desde 2009. Embora parte dessa redução de vagas esteja associada a situações circunstanciais, como as demissões do setor petroleiro, os desligamentos sinalizam uma preocupante retração em setores que movimentavam a economia no estado.

A redução se concentrou na capital, onde evaporaram mais de 18.600 vagas, 40% do total; no Leste Fluminense, abalado pela suspensão dos investimentos no complexo petroquímico Comperj (11,2 mil postos), Baixada Fluminense I² (4.012 postos) e Baixada Fluminense II³ (2.635). No Norte Fluminense, que concentra a extração de petróleo e o Porto Açu, foram extintos 4 mil postos de trabalho – 30 vezes mais do que no anterior. Na capital e Leste Fluminense, as médias e grandes empresas foram as maiores responsáveis pelas demissões.

2. Belford Roxo, Itaguaí, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Seropédica.

3. Duque de Caxias, Guapimirim, Magé e São João de Meriti.

A FORÇA DOS PEQUENOS

A destruição de postos de trabalho registrada em janeiro e fevereiro encontrou um contraponto no crescimento de vagas em março entre os pequenos negócios. Neste mês, os pequenos negócios criaram quase nove mil postos de trabalho, um resultado muito bom.

PERSPECTIVA



Não há expectativa de que as tendências de desaceleração da economia e alta da inflação melhorem a curto prazo. Segundo o Relatório de Mercado Focus, do Banco Central, instituições financeiras e de pesquisa esperam queda de mais de 1% no Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 e inflação em torno de 8,3%, bem acima da meta de 6,5%.

O Estado do Rio de Janeiro está sentindo a crise, que afeta setores como a indústria extrativa e a construção civil. A perda acentuada de vagas de trabalho se deu em grande parte nestes setores, mas também é registrada no setor de serviços.

Neste quadro negativo, um número significativo de contratações feitas por pequenos negócios tem atenuado os efeitos da crise para os trabalhadores fluminenses. Não se sabe, porém, se estes empreendedores continuarão a ter fôlego para continuar a absorver a mão de obra disponível no mercado.

Telefone - 0800 570 0800

Twitter - @sebraerj

Facebook - fb.com/sebraerj

www.sebraerj.com.br

